

A IMAGEM NA ESCRITA MESOAMERICANA: UM OLHAR SOBRE O CÓDICE ZOUCHE-NUTTALL¹

THE IMAGE IN THE MESOAMERICAN WRITING: AN EYE ON THE ZOUCHE-NUTTALL CODEX

Fernanda Dellaméa² e Elisabeth Weber Medeiros³

RESUMO

As culturas mesoamericanas produziram livros manuscritos denominados códices. Tais livros eram confeccionados a partir da pele de veado, panos de algodão e fibra de figueira ou agave e, geralmente, possuíam a forma de sanfona. Os códices pré-hispânicos, ou seja, escritos antes da chegada dos espanhóis, são mais raros, pois grande parte foi queimada pelos espanhóis. Dentre os códices pré-hispânicos sobreviventes está o Códice Zouche-Nuttall, objeto desta pesquisa. O objetivo, no presente trabalho, é abordar a importância da imagem na escrita mesoamericana, em especial na Mixteca, por meio do estudo da figura humana, dos topônimos e da cosmogonia. O estudo tem sua relevância, considerando que a produção e a transmissão do saber, entre os povos da região, eram feitas através da oralidade e da imagem. Eram formas que se completavam e produziam sentido. A imagem, portanto, objeto deste trabalho, apresentava uma importância fundamental para a leitura e escrita do pensamento mixteco, tendo uma expressividade própria. No Códice, as imagens apresentam variados elementos como posição, cor, tamanho, que possibilitam a leitura de complicadas mensagens para a compreensão das informações registradas. A figura humana, os topônimos e as imagens que representam a cosmogonia dos mixtecos, são categorias relevantes no documento, pois expressam valores, relações sociais e de poder, assim como crenças religiosas e cosmogonias.

Palavras-chave: Códice Zouche-Nuttall, mixteca, escrita pictográfica, imagens.

ABSTRACT

The Mesoamerican cultures produced manuscripts named codices. Such books were made from deer skin, cotton cloths and fig-tree fiber or agave, and they

¹ Trabalho de Iniciação Científica: PROADIS/ UNIFRA.

² Acadêmica do Curso de História - UNIFRA.

³ Orientadora - UNIFRA.

generally had the folding form. The Pre-Hispanic codices, that is, those written before the Spanish's arrival, were rare because most of them were burned by the Spanish. Among the Pre-Hispanic codices in existence is the Zouche-Nuttall Codex, object of this research. The present work aims to deal with the importance of the image of the Mesoamerican writing, especially in Mixtec, by means of the study of the human figure, the toponyms and the cosmogony. The study has its relevance considering that the production and the transmission of knowledge among the people of the region were carried out orally or by image. They consisted of forms which completed themselves and produced meaning. The image, thus, object of this paper, presented a fundamental importance for the reading and writing of the Mixtec thought, having its own expressiveness.

In the Codex, the image presented varied elements, such as position, color and size, which allowed the reading of complicated messages for the understanding of registered information. The human figure, the toponyms and images which represent the cosmogony of the Mixtecs are relevant categories in the document, since they express values, social relationships and power, as well as religious beliefs and cosmogonies.

Key words: Zouche-Nuttall Codex, mixtec, pictographic writing, image.

INTRODUÇÃO

O universo lingüístico mesoamericano, por ocasião da chegada dos espanhóis, era imenso e extremamente complexo. Recentes investigações apontam que os primeiros signos escritos originaram-se a partir da cultura olmeca, no período pré-clássico. O testemunho da escrita chegou até nossos tempos através dos registros gravados em estelas e a escrita em códices. Os inúmeros signos utilizados pelas culturas da região formaram um *corpus* gráfico com conceitos universais para expressar o pensamento mesoamericano.

O florescimento de diversos estilos de escrita na região mesoamericana permitiu o desenvolvimento do denominado estilo mixteco, que possibilitou um estudo mais aprofundado da vida, dos costumes e da relação de poder entre esses povos.

O Códice Zouche-Nuttall, documento objeto deste estudo, encontra-se em Londres no Museu da Humanidade, um setor do Museu Britânico. É considerado um códice histórico-genealógico, elaborado em pele de veado, em forma de biombo, possui 47 folhas duplas, ou pintadas em ambos os lados, que medem 19x25,5 cm. Por seu colorido e conteúdo, pelas imagens e glifos, é considerado um dos melhores exemplares de registro pictográfico mesoamericano. O documento é um dos três códices que se refere à genealogia, alianças matrimoniais e façanhas do Senhor Oito

Veado de Tilantongo e Tututepec, cidades localizadas na parte ocidental do Estado de Oaxaca. O documento apresenta seqüências históricas e genealógicas a partir do século IX dC. O manuscrito também se refere à princesa Três Pedernal, *Quechquémitl*, narrando suas peregrinações e casamento.

A intenção, no presente trabalho, é abordar a importância da imagem na escrita mesoamericana, em especial na Mixteca, por meio do estudo do Códice Zouche-Nuttall, destacando a figura humana, os topônimos e a cosmogonia. O estudo tem sua relevância, considerando que a produção e a transmissão do saber entre os povos da região, eram feitas através de duas formas de expressão: da oralidade e da imagem. Eram formas que se completavam e produziam sentido. A imagem, portanto, apresentava uma importância fundamental para a leitura do pensamento mixteco, tendo uma expressividade própria.

No Códice, as imagens apresentam elementos como posição, cor, tamanho, que possibilitam a leitura de complicadas mensagens para a compreensão das informações registradas. A figura humana, os topônimos e as imagens que representam a cosmogonia dos mixtecos são categorias relevantes no documento, pois expressam valores, relações sociais e de poder, assim como crenças religiosas e cosmogônicas.

Dessa forma, para um melhor entendimento do Códice Zouche-Nuttall, analisamos neste trabalho, as imagens referentes à figura humana, aos topônimos e à cosmogonia, na tentativa de entender seus diferentes significados e possibilitar a leitura do documento. O texto está assim estruturado: primeiramente, são tecidas algumas considerações sobre o desenvolvimento da escrita mixteca; a seguir, são analisadas as imagens da figura humana no códice, os glífos toponímicos e a cosmogonia e, por fim, algumas considerações finais.

O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA MIXTECA

Segundo León-Portilla (2004 a), a linguagem é a primeira manifestação da consciência humana, por intermédio da qual pode comunicar seu mundo interior, criar espaços que o individualizem e conferem identidade ao indivíduo.

A linguagem pode ser codificada em signos gráficos. Algumas dessas codificações, relacionadas à imagem, estão tão arraigadas na mentalidade humana, que se perde a consciência de seus limites, ou que, por trás de uma imagem, há um conceito.

Ao transformar-se em imagem, é possível apreender a linguagem em um sistema gramatical que não aprisiona a linguagem, pois ela é

flexível e em constante evolução, mas percebem-se a ordem e a lógica nela implícita.

León-Portilla (2004 b), em suas análises, afirma que cada sistema de escrita é elaborado a partir de uma perspectiva e com finalidade própria, o que não exclui a possibilidade de que um determinado sistema sofra a inspiração de outro.

As diferentes escritas dos povos mesoamericanos certamente foram elaboradas a partir de uma perspectiva particular da cultura que os originou. Profundamente ligadas à imagem e aos signos glíficos, seus sistemas de escrita ultrapassaram as fronteiras do povo que os originou, disseminaram-se para outras regiões, persistiram durante centenas de anos, transformando-se em “universais” dentro da cultura mesoamericana, mesmo que, posteriormente, viessem a sofrer adaptações nos povos pelos quais foi adotado, pois, segundo Peirce apud León-Portilla (2004 b), “[...] el signo, una vez surgido, se difunde entre la gente. Su significación crece con el uso y la experiencia” (p. 25).

Alguns desses signos transformaram-se em modelos de como o pensamento mesoamericano expressava e compreendia conceitos universais, como as relações de poder, a figura humana, espaço-tempo, ou seja, o signo gráfico é transformado e enriquecido em seu significado ao ser interpretado e adaptado por outros, carregando, ao ser difundido, a possibilidade de originar novo sistema de escrita.

Já se mencionou o papel fundamental que a imagem ocupa nas escritas mesoamericanas, porém deve-se ressaltar que a imagem não deve ficar presa ao conceito. Uma imagem pode adquirir diferentes significados, nem sempre óbvios e literais.

Como observa Meneses (2003), não basta ver o visível - hábitos e práticas - e inferir o invisível, pois se faz necessária a interação observador-observando. Não se capta, ao olhar de relance, os elementos ou o sentido da imagem. Sua significação é dada pelo observador, é registro ou parte do observável na sociedade observada.

Ainda, de acordo com Meneses (2003), a função da imagem vai mais além, sendo importante elemento da vida social e dos processos sociais e, por isso, relevante em contexto de poder e religioso, podendo desempenhar papel ideológico, pedagógico, ou seja, valores e identidades construídas e comunicadas pela cultura por mediação do visual.

Nas escritas mesoamericanas contidas nos Códices, imagem e verbo se interligam na produção do sentido, mas sem que a imagem fique submetida à língua. Por isso, apesar de ser possível “ler” parcialmente e reduzir a imagem a palavras, a imagem não fica presa a um texto verbal. Conforme Johansson (2004), os discursos verbais e pictóricos verbais

coexistiam sem que a imagem fosse reduzida a um simples recurso auxiliar da memória para a realidade, a leitura era, antes de tudo, uma visão.

A imagem por si só não permite compreender o sentido dos conteúdos dos códices. A pictografia, o simbolismo ideográfico, a mediação fonética unem-se ao traço, à posição, às cores, à tensão espacial das formas, para gerar um sentido inteligível mediante o olhar. Esses livros, fortemente relacionados à tradição oral, não devem ter suas imagens reduzidas a auxiliares dessa tradição.

A respeito da escrita mixteca Rossel (2001) analisa que, diferentemente de outros estilos, que se identificam mais com uma região, etnia ou língua, tornou-se um estilo que se expandiu no pós-clássico, pois os povos que a utilizaram adaptaram-na a línguas de famílias distintas. Esse estilo tinha seu núcleo nos centros urbanos da *Mixteca Alta* e *Cholula* e surgiu a partir de uma aliança entre as elites mixtecas e os grupos *toltequizados* da região *Puebla-Tlaxcala*. O processo de surgimento do estilo de escrita mixteca teve grande impulso já no período clássico, quando glifos calendáricos, representados por pontos e barras, além de signos dos dias como *hierba* e *conejo*, fundem-se com elementos da escrita zapoteca, o que indica os primeiros elementos distintivos da escrita nessa região. Com o declínio de cidades zapotecas e o abandono de muitas cidades mixtecas, a escrita mixteca só conhecerá novo desenvolvimento com a chegada de grupos *toltequizados* na região de *Puebla-tlaxcala*, o que resultou no surgimento de novas cidades mixtecas, de alianças mediante laços políticos, religiosos, econômicos e genealógicos entre esse grupo, isto é, os mixtecas e até mesmo os zapotecas. Rossel (2001) explica a grande influência de outros estilos de escrita, exemplificados pela presença de glifos, característicos da língua *nahuatl* no estilo de escrita utilizada pelos mixtecas. A cultura mixteca, entretanto, estendeu sua influência além do seu território.

Por viver em uma região, na qual coexistiam muitos povos, os mixtecos alcançaram uma sólida base de poder diante dos outros povos da região, o que lhes permitiu estender sua cultura e sistema de escrita na região. No entanto, muitos sistemas de escritas acabaram por desaparecer ou ficaram marginalizados diante da escrita praticada nos centros de poder e impostos por outros povos.

Expressões de estilo mixteco podem ser observadas na arquitetura de edifícios, cerâmica e na escrita. Na escrita, o surgimento do estilo mixteco acarretou mudanças no registro calendárico, utilização de um novo repertório iconográfico e um novo estilo pictórico, compartilhado por *nahuas* e mixtecos, adaptando-se, porém, às necessidades de cada língua (ROSSEL, 2001).

Essas evoluções refletem o progresso feito por essa sociedade, à prova do surgimento de novas estruturas. Ao se referir à escrita mixteca,

Rossel (2001) escreve que a escrita mixteca se destaca por uma precisão quase geométrica no traço das imagens e por um repertório iconográfico padronizado. Ela utiliza o pictograma como unidade gráfica, ou seja, imagens contornadas por uma linha preta. Essa linha preta delimitava os planos de cor e cada imagem combina-se com a outra para compor a cena, pois nenhuma imagem é isolada das que a precedem ou a seguem.

A forma tem o poder de gerar significados. Rossel (2001), a esse respeito, explica que “Son dibujos esquemáticos que representan las partes más fácilmente reconocibles de algo” (p. 64). Esse reconhecimento vem dos processos sociais e psicológicos de significação. Outros pressupostos são a proporção, a dimensão, a composição e o uso simbólico da cor. Cada figura possui uma forma e cor e, quando ocorrem variações, indicam uma mudança no seu significado. A interpretação somente através da imagem não é tão completa quanto à leitura pictográfica, que associa a palavra à imagem.

Em muitos casos há a relação entre a língua e a figura, recebendo o nome de fonograma. Quanto às palavras que representam o conceito, essas são chamadas de logograma. A escrita mixteca une os dois sistemas, de modo que a palavra pode se referir ao substantivo do objeto desenhado, adjetivos e ações. Pelo fato de a língua mixteca ser tonal, poderia ocorrer que cada mudança no tom da palavra resultaria em um significado diferente da palavra. Essa característica era utilizada pelos escribas-pintores para representar conceitos que, por serem abstratos, eram difíceis de desenhar (ROSSEL, 2001).

As imagens têm seu correspondente com as palavras. Para efetuar a leitura da cena, combinam-se uma ou mais palavras para formar frases, em que o sentido de cada palavra é preservado ou de diferentes radicais que se unem para expressar um outro conceito. Conforme Rossel (2001), o difrasismo era utilizado pelos mixtecos como um recurso da língua para dizer de outra maneira, talvez mais visual e poética, o que se poderia dizer com uma só palavra. A relação palavra e imagem é mais utilizada na escrita de nomes de pessoas, tanto o nome calendário como sobrenome, no nome de lugares e no registro de datas.

A FIGURA HUMANA E SEUS SIGNIFICADOS NO CÓDICE ZOU-CHE-NUTTALL

A escrita mixteca deixa transparecer a intensa relação desse povo com os deuses e a natureza, as funções sociais, os vínculos familiares, as relações de poder, os rituais e crenças sobre a morte.

O Códice Zouche-Nuttall, por ser um códice genealógico, possibilita

um estudo da imagem da figura humana e seus diferentes significados na intenção de registrar informações.

Zélia Nuttall, ao mencionar os homens e mulheres descritas no Códice, referiu-se a eles como heróis nativos cuja façanha aparece em pinturas com hieróglifos, que só indicam o lugar ou nome de pessoas (JANSEN et al; 1992).

Como será explicado a seguir, de acordo com o Códice Zouche-Nuttall, os homens e mulheres, representam mais que somente o relato de heróis locais e suas aventuras. À mulher era reservado um papel de destaque no Códice Zouche-Nuttall. Ao se referir às dinastias dos senhorios mixtecos e sua legitimidade, recorria-se tanto a linhagem materna como a paterna, dando-se ênfase à linhagem feminina. As linhagens destacadas no Códice Zouche-Nuttall são as linhagens de Teozacualco e Zaachila.

A trajetória da Senhora Três Pedernal é ilustrativa da posição protagonista da mulher no Códice Zouche-Nuttall. Era costume das princesas de Monte Albán casarem-se com príncipes mixtecos para assegurarem sua lealdade. Com o seu casamento, fundou o senhorio de Tilantongo e impôs uma nova elite local em Monte Albán.

O casamento de soberanos mixtecos envolvia um extenso ritual, que, além de afirmar a união, confirmava a realeza, o poderio do casal sobre determinado povo e uniam senhorios através de alianças matrimoniais. Muitas são as cenas de casamento que aparecem no Códice, entre elas a cena da página 19 (Figura 1). Os rituais incluíam cortejos aos noivos, homenagens e oferendas aos deuses principais que iriam abençoar a união com copal, ervas e o banho ritual do casal, bem como o recebimento de vestes cerimoniais novas (Figura 2).

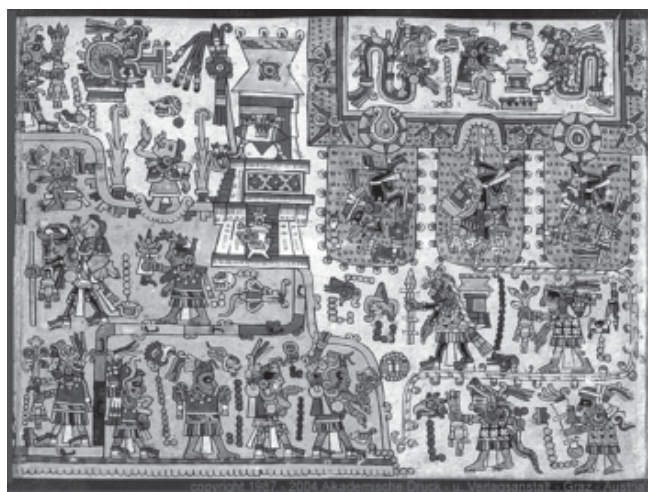


Figura 1. Códice Zouche-Nuttall, p. 19.



Figura 2. Códice Zouche-Nuttall, p. 20.

O cordão umbilical de uma mãe e filho é outra convenção usada para representar o nascimento de uma linhagem, fruto da união de duas linhagens anteriores (Figura 3).



Figura 3. Códice Zouche-Nuttall, p. 16.

O casal geralmente era retratado, estando o homem e a mulher virados, um de frente para o outro, sentados em um templo ou sentados sob um tecido amarelo, que era uma forma estilizada de *petate*⁴ ou, ainda, com a mulher sentada sobre o *petate* e o homem sobre um trono ou uma espécie de banco (Figura 4). Essa última representação, segundo Jansen e Jimenez (1998), relacionava a designação mixteca para senhorio: o trono e o *petate*,

⁴ Espécie de tapete.

que combinam as duas formas de assento.

A figura humana, apesar de aparecer freqüentemente com o rosto em perfil e o resto do corpo frontal, não estabelece regra fixa. A feição do rosto não demonstra emoções, mas permanece sempre a mesma. Além disso, os traços dos personagens do Códice Zouche-Nuttall demonstram claramente características indígenas, o que, em códices do período colonial, se vê alterado pela influência do colonizador europeu.

A distinção entre a figura feminina e masculina é sutil, sendo possível reconhecê-las através de alguns aspectos. A figura feminina aparecerá sempre vestindo túnica quase até os pés e um pequeno xale (Figura 4). Outro aspecto é o cabelo sempre de longo comprimento. Um adereço exclusivo das mulheres no Códice Zouche-Nuttall é a narigueira em forma de degraus. Aos homens eram permitidos outros tipos, como a narigueira de osso. Ao contrário da figura masculina, não é possível determinar a que classe as mulheres pertenciam, tendo como base somente o vestuário ou pintura corporal.



Figura 4. Códice Zouche-Nuttall, p. 25.

As mulheres raramente utilizavam pintura corporal e, quando o faziam, esta se restringia a uma pintura simples no rosto, nada com a complexidade da pintura corporal masculina.

Cabe observar aqui as figuras femininas presentes no Códice. São, na sua maioria, princesas e nobres mixtecas, algumas das quais desempenham funções guerreiras por ocasião de algum grande conflito. Quanto às funções sacerdotais, também não há mulheres sacerdotisas, encarregadas dos grandes templos e sim, mais comumente, como *tlantepuzillant*, a bruxa, ou seja, mulher velha de dentes compridos.

A figura masculina é representada com uma grande diversidade de vestuário, pintura corporal e adereços, que permite relacioná-lo à determinada classe ou povo. Soberanos mixtecos, ao contrário dos sacerdotes guerreiros, aparecem sempre vestindo túnicas elaboradas e, freqüentemente, uma capa com capuz. O capuz, que pode ou não tapar o rosto, tem a forma do elemento (chuva, vento) ou animal (águia, jaguar), correspondente ao “sobrenome” calendárico do personagem, o que facilita a leitura do nome calendárico completo, o nome sendo escrito pelos símbolos calendáricos e o sobrenome dado por adereços como a capa.

Tem-se como exemplo o Senhor Oito Vento Águia cujo nome escrito pelo ideograma do vento, acompanhado de oito círculos e o complemento águia, simbolizado pela capa com capuz de águia. Esse aspecto põe em destaque a figura de soberanos mixtecos em relação a outros personagens. A cor vermelha utilizada em túnicas é símbolo de realeza, sendo exclusiva dos soberanos.

Quanto aos guerreiros, o vestuário dependia da hierarquia militar da qual faziam parte. Guerreiros com uma roupa mais simples usavam o *taparrabo*⁵, já os generais vestiam-se com túnicas com diferentes motivos.

Os sacerdotes, igualmente, podiam estar vestindo o *taparrabo* ou túnica, sempre da cor branca, a cor do sacerdócio e o corpo todo pintado de negro. Os reis podiam desempenhar funções sacerdotais e, nesse caso, eles podiam aparecer com o *taparrabo* ou túnica branca.

As pinturas corporais dizem muito sobre a origem do personagem. A dinastia de *Zaachila*, antiga capital zapoteca, aparece com um bastão em forma de mitra, capa sobre os ombros, pintura facial vermelha em forma de lista vertical e um *ataviu*⁶ branco e vermelho.

A pintura facial redonda ao redor dos olhos designa os povos falantes de *nahuatl* ou que se destacaram em luta contra eles. O povo que, no códice, é denominado “gente de pedra”, são da antiga elite de Monte Albán, possui o corpo coberto por pintura de listras verticais coloridas (Figura 5).

É difícil encontrar no Códice Zouche-Nuttall um personagem que não esteja portando adereço ou objeto. Alguns objetos simplesmente relacionam-se ao nome do personagem como forma de identificação, por exemplo, a capa com capuz, não possuindo função significativa fora desse contexto.

⁵ Espécie de canga utilizada pelos sacerdotes e guerreiros mixtecos.

⁶ Ornamento.



Figura 5. Detalhes Códice Zouche-Nuttall – p. 22.

A maioria, porém, desempenha função de grande importância para a correta leitura e compreensão da mensagem escrita em cada cena do Códice. Se os membros da nobreza, especialmente os soberanos, se destacam pela sua forma de vestir com túnicas luxuosas, dois objetos representam o seu poder. O diadema é usado para representar a acumulação de cargo como reis que desempenham funções sacerdotais ou que regem mais de um senhorio. Os bastões de *Xipe* e o de *Vênus* são considerados bastões de mando, que indicam a autoridade do personagem e são até hoje utilizados por prefeitos de cidades da região mixteca (atuais estados mexicanos de Oaxaca e Puebla), como símbolo do poder municipal (Figura 6).



Figura 6. Códice Zouche-Nuttall, p. 33.

Os guerreiros carregam consigo as flechas e o escudo, quando a flecha se apresenta incandescente indica a guerra. As flechas, o pedernal e os dardos indicam conflitos ou inimizade.

As flores e plantas são muito consideradas dentro da cultura mixteca e da mesoamericana, em geral, principalmente por possuírem diversas qualidades com amplo panorama de significados. Compunham um simbolismo que designava respeito e dedicação aos deuses manifestados na natureza.

Lozano e Nagao (2006) chegaram à conclusão de que as plantas simbolizavam desde os deuses, a morte, o senhorio, até a linguagem e, assim, como a pluma de *Quetzal*⁷ e a conta de jade, eram sinônimos de precioso.

Por isso, o incenso era visto como algo ligado ao sagrado e era oferecido aos deuses, aos ancestrais e o uso de plumas de *Quetzal* e jóias de jade como símbolos de riqueza, *status* e a sua oferta também era feita aos deuses. O *ocote*, ⁸o *pulque*⁹ e o feixe de varas eram objetos ligados ao sagrado e eram geralmente oferecidos aos deuses. O tabaco, também usado em cerimônias religiosas, estava ligado ao fogo, novo símbolo da criação dos senhorios (Figura 7). Quanto às plumas, a de águia no cabelo era sinal de participação em cerimônia guerreira e a pluma era característica dos sacrifícios humanos.

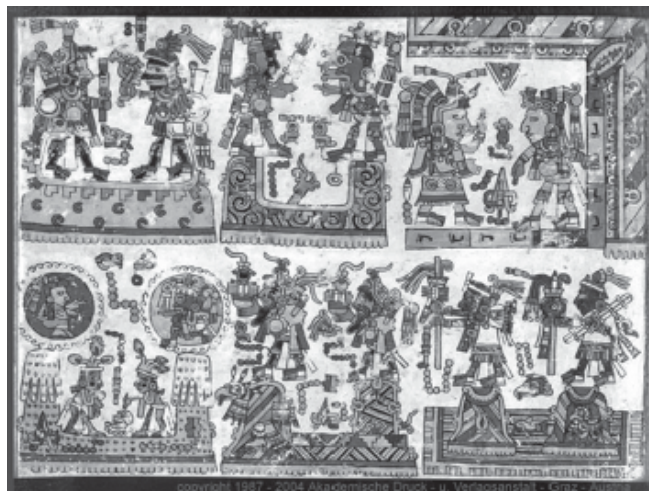


Figura 7. Códice Zouche-Nuttall, p. 26.

As crianças eram representadas como um adulto em miniatura, uma vez que seus traços não diferiam dos adultos. Os anciões eram identificados pelo dente saliente e pela barba, que era sinal de idade e respeitabilidade. As

⁷ Pássaro típico da região mesoamericana.

⁸ Tipo de conífera de resina aromática que arde com facilidade quando entra em contato com o fogo devido a sua resina inflamável.

⁹ Bebida de milho fermentada.

crianças, somente aos sete anos, recebiam um nome em uma cerimônia.

A figura humana tende a aparecer em posições estilizadas e facilmente reconhecíveis, como a postura com os braços cruzados sobre o peito e, em alguns casos, de joelhos, que é uma postura de respeito. Com o olhar voltado para o alto e uma das mãos voltada para o céu, representa uma posição de oração, de quem se dirige aos deuses. Estar com as palmas das mãos voltadas para frente é sinal de oferenda, assim como segurar algum objeto com as palmas das mãos para frente. Muitos guerreiros aparecem segurando os cabelos de alguém, o que mostra a vitória sobre o inimigo, sua submissão.

OS GLIFOS TOPONÍMICOS OU TOPÔNIMOS

Os signos referentes aos assentamentos humanos, acidentes geográficos e rios estão representados no Códice Zouche-Nuttall. As denominações empregadas pelos mixtecos para designá-los, os topônimos, ainda são uma incógnita para os historiadores.

A glotocronologia¹⁰ e a lingüística comparada têm ajudado a elucidar esse aspecto da escrita mixteca. Sabe-se hoje que os signos de lugares são compostos de duas partes: uma que seria um substantivo geográfico, e a outra, um adjetivo. Os substantivos geográficos são poucos e sempre representam alguma característica natural ou feita pelo homem. Os elementos adjetivos são inúmeros e podem se referir aos deuses, animais, plantas, entre outros.

Os glifos toponímicos são numerosos e, freqüentemente, estruturam-se de forma composta com os vocábulos como *yuco*, ou seja, cerro, ou *Ñuu*, que significa lugar.

Nem sempre os mixtecos utilizavam o nome, e sim o centro cerimonial existente no lugar para se referir a ele, como Altar de Flores para designar *Suxchixtlan* ou *Tablero de Grecos Negras* para se referir a *Tilantongo*.

A consolidação do estilo mixteco ocorre, mais especificamente, no pós-clássico, porém, já no princípio do período clássico, surgem os primeiros símbolos calendáricos e toponímicos mixtecos em meio a uma escrita ainda fortemente influenciada por outros estilos, como o zapoteco, indicando os primeiros sinais da contribuição mixteca na escrita utilizada na

¹⁰ Método que procura relacionar, por meio de técnicas estatísticas, a percentagem de vocábulos que têm raiz comum com outro, presentes em duas línguas, com o tempo em que ambas se originaram de uma única fonte.

região. A esse respeito, León-Portilla (2004 b) escreve que, já no princípio do período clássico, estabeleceram-se grupos de filiação mixteca.

A influência de outros estilos, que sempre se fará presente na escrita mixteca, tem como grande exemplo o fato de se conhecer a respeito de determinados topônimos o nome em mixteco e em *nahuatl*, como o caso de *Yucuu dzaa/Tutepec* o “Cerro das Aves”. O mapa de *Teozacualco*, presente no livro explicativo do Códice Zouche-Nuttall, é bastante esclarecedor a respeito desse assunto, pois apresenta o mapa de San Pedro *Teozacualco*, indicando paragens, povoados, cerros e outros acidentes geográficos, que permitem melhor comparação com os topônimos presentes no Códice.

O relevo, bastante acidentado, transparece nos topônimos presentes no Códice Zouche-Nuttall. Em grande parte, por ser a cultura mixteca relacionada à terra, sendo muitos lugares sagrados e os cerros e montes, cenários de ritos e muitas outras atividades. As praças, eram freqüentemente, locais de procissões, de localização de templos. O símbolo da praça é o mesmo utilizado para o chão, uma espécie de tablado.

Como se observa na página 14 do Códice Zouche-Nuttall (Figura 8), o vulcão era um topônimo relacionado ao fogo e ao símbolo calendárico do movimento, ou seja, do tremor. Era um lugar de origem de dinastias. Também o famoso “rio que o arranca”, o rio de Apoala era conhecido como o rio das linhagens, do qual nasceram fundadores dos senhorios mixtecos.



Figura 8. Códice Zouche-Nuttall, p. 14.

Os rios eram sempre representados com sua fauna e vegetação: conchas e peixes. Apareciam como um fundo azul contendo ou não uma moldura e era também lugar de purificações.

O signo para o povo era o *petate* (*ñuu*) e, por isso, muitos reis, senhores fundadores, aparecem sentados sobre o *petate*, simbolizando seu domínio sobre determinado povo. O signo do *petate*, quando unido a outros elementos, vai originar símbolos toponímicos de significado diverso. O *petate* com pernas é o signo para lugar, e o *petate*-palácio é o signo para cidade. Diferenciando-se do palácio, o signo indicativo de casa é semelhante ao palácio, porém visto de frente.

A cova tida como o local, em que “*se mete e sai as gentes*”, é um lugar de ligação entre este mundo e o mundo dos deuses, aparece como “*uma cabeça de serpente com a boca aberta*”.

A montanha, por sua característica rochosa, é representada com listas diagonais coloridas, símbolo de tudo o que remete à rocha, assim como alguns cerros mais rochosos, enquanto outros cerros com vegetação mais abundante aparecem todo na cor verde. O cerro, quando combinado com o signo flecha, indicará que o lugar sofreu conquista por outro povo; o ato de atirar a flecha também indica a conquista.

Não são de menor importância os signos celestes. O Sol, além de seus significados mais evidentes, como calor, brilho, está relacionado às diferentes eras da cosmogonia mixteca, que prevê cinco eras ou sóis. O sol nascente, ou seja, o sol com o símbolo do movimento no meio representa o 4º sol da cultura mixteca, a época atual para os mixtecos do pós-clássico. O sol com a caveira era o emblema do deus Sol, *Mixcoalt* que, através do seu sacrifício, renova o Sol e permite o início de uma nova era.

Outros elementos, como a Lua e a nuvem, aparecem mais raramente. A nuvem é representante dos maus presságios, pois traz a escuridão. O sistema calendárico era organizado dentro de um ciclo de cinquenta e dois anos. O motivo para ilustrar o ano era um signo entrelaçado “A-O”. Com o ano aparece o nome dia, composto por um dos vinte símbolos calendáricos, combinado com um número correspondente aos 260 dias do calendário mixteco. Essa combinação ocorre treze vezes, os treze meses do calendário e tem como símbolo a Lua, que representa o mês.

Com a colonização européia, os topônimos sofreram inúmeras adaptações. Em muitos lugares, o nome mixteco foi precedido pelo nome de um santo católico. Na época, fundaram-se novos assentamentos, que ganharam nomes que evocam lugares da Espanha. A relação entre a língua *nahuatl* e mixteca permite que certos lugares tenham o nome com partes *nahuatl*, partes mixteco e partes em espanhol. Somente poucos lugares permaneceram com seu nome original. Com a independência do México, muitas mudanças ocorreram na toponímia do país, causando o desaparecimento de nome de lugares.

Leon-Portilla (2004 a) afirma que é correto fixar os topônimos que se tornam presentes como símbolos, personagens, fatos que evocam as três etapas da história: a pré-hispânica, a colonial e a moderna.

COSMOGONIA MIXTECA NO CÓDICE ZOUCHE-NUTTALL

O Códice Zouche-Nuttall é um códice genealógico, entretanto não é possível excluir o aspecto religioso e os elementos da cosmogonia mixteca, que permeiam os relatos contidos no livro.

São abundantes as imagens que registram cerimônias, oferendas e a presença constante dos deuses, relacionados aos mais diversos aspectos da vida em sociedade. Os deuses representados no Códice Zouche-Nuttall, geralmente, assumem a forma humana, porém, às vezes, confundem-se com divindades cósmicas como o Sol, céu ou fenômenos atmosféricos como raio e trovão, numa tendência que denominamos henoteísmo¹¹. Assim, o deus *Quetzalcoatl*, o deus do Sol, pode aparecer em sua forma humana, recebendo um nome calendárico, ou na forma de Serpente Emplumada, ou ainda, como simbolismo de um Sol e o símbolo da morte. O pedernal está relacionado ao nome de *Itzcuey*, uma das formas da deusa *Itzpapalote*, dona dos animais venenosos.

O culto aos demônios e seres da natureza, ou seja, espíritos tutelares, progenitores, protetores das diferentes espécies de animais e vegetais também merece atenção. Tem-se como exemplo o espírito do feijão e o espírito do trevo, correspondente à filosofia mixteca que diz que as plantas são representadas como pessoas. Outra passagem explicativa desse aspecto da religião mixteca é o nascimento dos treze senhores plantas: os senhores *Maguei*, *Mallinalli*. O patrono da água e a avó do rio, que recebe oferenda e dá sua benção à Três Pedernal, também são espíritos da natureza presentes no Códice Zouche-Nuttall (Figura 9).

Os anciões e os mortos possuíam grande importância e recebiam homenagens. Os seres primordiais que surgiram dos lugares “de origem”, como o Rio das Linhagens, das Sete Covas, ou seja, os ancestrais do povo mixteco aparecem como ancestrais deificados, assim como os reis fundadores dos senhorios. Eles se tornaram, também, progenitores dos seres da natureza. Os envoltórios que os revestia, após a morte, são guardados em templos e estão presentes em cerimônias.

¹¹ Culto a um só Deus sem excluir a existência de outros.



Os anciões eram dignos de respeito e consideração, pois eram pessoas que detinham a sabedoria, o que pode ser confirmado na cena do Códice Zouche-Nuttall, em que a Senhora Três Pedernal, recém-empossada, dirige-se ao palácio onde recebe conselhos de seu pai, sacerdote que a educava e de três anciões. Eram os guardiões da tradição mixteca e, por isso, os sacerdotes de maior destaque eram anciões. Esses fatos podem ser observados na página 17 do Códice Zouche-Nuttall (Figura 10).



Figura 10. Códice Zouche-Nuttall, p. 17.

Ao morrer, esses personagens destacados da sociedade mixteca, eram envoltos em tecido, o envoltório sagrado, presos à armação de madeira com adornos de papel e plumas vermelhas e brancas e, então, eram incinerados. Segundo é narrado, no Códice Zouche-Nuttall, essa cerimônia mortuária corresponde ao que foi descoberto em sepulturas da época clássica.

O culto aos mortos contava com um sacerdote específico que “*carregava o templo*” dos mortos, quer dizer, era encarregado do templo dos mortos.

Assim, quando o Códice Zouche-Nuttall se refere à *cueva* para qual vão as pessoas, apresenta referência às covas que serviam de depósito de ossadas dos mortos. Os mortos eram sempre representados de olhos fechados. É importante ressaltar que, de acordo com Santos (2002), “Não podemos abstrair os deuses, por mais incorpóreos que pareçam, do mundo em que foram elaborados. Suas características e significados se relacionam diretamente a situações concretas, vividas por pessoas de carne e osso e, portanto, só fazem sentido em meio ao mundo social que os criou” (p. 39-40).

Segundo a cosmogonia mesoamericana, o homem é o único ser que faz chegar sua voz aos deuses, pois no momento de sua criação, o homem foi criado com partes dos próprios deuses. Apesar disso, não está de todo separado do aspecto animal que o compõe, ou seja, pode entrar em contato com sua encarnação animal através do seu *nahual*¹². Os *nahual* mais conhecidos são o do jaguar, cão e serpente. Isso explica a transformação da Senhora Três Pedernal em caracol durante a sua peregrinação. Isso nada mais é do que o ritual de purificação, que incluía sangue humano, o que fazia com que a pessoa entrasse em transe pela perda de sangue, sendo acometido por visões e isso era um meio de entrar em contato com os deuses e em contato com o seu *nahual*. A Serpente-de-Fogo, um *nahual* perigoso no Códice Zouche-Nuttall, que virava bruxa e sugava o sangue dos recém-nascidos, também pode ser explicado pelo conceito do *nahual* muito difundido na Mesoamérica em geral.

A presença do campo do jogo da bola, na cena da página 4, do Códice Zouche-Nuttall (Figura 11), sempre relacionado aos centros cerimoniais e templos, remete à ligação do campo do jogo da bola com a entrada do inframundo, o que é reforçado pela presença da caveira, símbolo da morte, no meio do campo e das pegadas.

O pé geralmente, aparece relacionado a registros calendáricos. Nesse caso, o símbolo das quatro direções, na qual cada treze dias do calendário mixteca são organizados em uma das quatro direções e cada uma recebe um deus patrono. As pegadas indicam a vinda de um deus ou o seu deslocamento, possivelmente, referindo-se a alguma cerimônia de invocação ou oferenda a um deus patrono.

É interessante observar como se celebrava e relembrava a fundação dos senhorios através da cerimônia do Fogo Novo¹³, em que os sacerdotes com os instrumentos de acender fogo, acendiam a tocha do fogo novo e era queimado tabaco no Valle do Tabaco Ardente, onde surgiram os fundadores do senhorio. Essa cerimônia se repetia em praças e templos.

¹² A vida ou magia existente nos objetos ou animais.



Figura 11. Códice Zouche-Nuttall, p. 4.

A narração da guerra contra a “*gente de pedra*” era encenada e, com rituais e oferendas aos deuses, relembra a união de nobres mixtecos com reis de Monte Albán, o que levou a extinção da antiga elite local, “*a gente de pedra*”, guardiões das tradições locais e o surgimento de nova elite e de senhorios mixtecos na região. A Senhora Três Pedernal, mãe que, ao entrar em uma cova origina um rio, rico em fauna e vegetação, é outra representação da fundação de um senhorio.

É bastante enfatizada a origem divina dos soberanos e sua ligação com o mundo sobrenatural. Em cena, na página 9, do Códice Zouche-Nuttall, a princesa mixteca Nove Chuva vai até a árvore do deus Sol e se banha no rio que vertia da árvore e o deus Sol a fecunda. Ela dando à luz a gêmeos e um é oferecido ao deus Sol, tornando-se sacerdote (Figura 12). Na página 10 do Códice Zouche-Nuttall, observa-se a cena em que o deus Sol o segura em suas mãos, originando a ordem dos sacerdotes guerreiros, adoradores do Sol, estabelecendo o culto ao deus Sol e a relação da nobreza com os deuses (Figura 13).

Os soberanos mixtecos buscavam as bênçãos e a confirmação dos deuses para o seu reinado submetendo-se, portanto, a rituais religiosos diversos. Isso incluía peregrinações a templos e oferta aos deuses, penitências e purificações.

Há-se o relato da peregrinação da Senhora Três Pedernal, que é recebida com “saudação cerimonial e respeito”. Ela, tem reconhecido seus

¹³ A cerimônia do Fogo Novo ocorria a cada ciclo de 52 anos previsto pelo calendário.



Figura 12. Códice Zouche-Nuttall, p. 9.

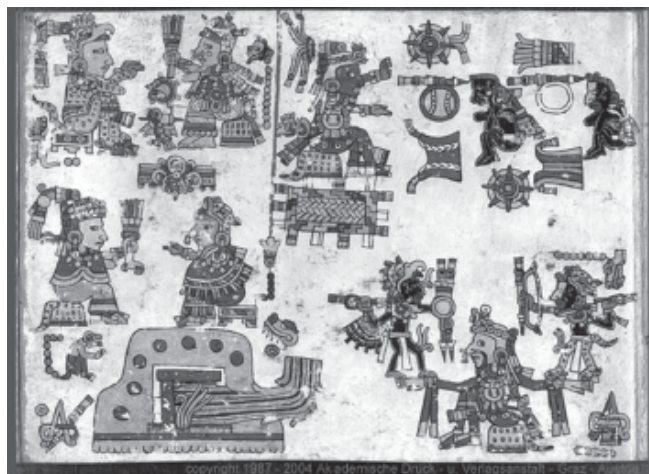


Figura 13. Códice Zouche-Nuttall, p. 10.

direitos e recebe oferendas dos sacerdotes. É instruída pelos anciões do povo e dirige uma cerimônia de oferta aos deuses para, só então, tomar posse do palácio, sentando-se no trono.

Esse relato atesta que a coroação não estava totalmente efetivada até que o soberano demonstrasse ter obtido a aprovação dos deuses através da homenagem de seus representantes na terra, os sacerdotes, e do sacrifício aos deuses e, portanto, contando com o reconhecimento da sociedade em geral.

O ato de banhar-se era uma forma de purificação que fazia parte do reconhecimento da soberania do rei. Assim o Senhor Oito Vento é banhado pelos deuses da chuva e tocado por um raio, ou seja, ele foi purificado e o raio é símbolo do reconhecimento por parte do deus.

Outro ato importante é o recebimento do bastão de mando que

representa o poder do rei e é entregue em cerimônia e, freqüentemente, está presente em rituais de sacrifícios e oferendas, relembrando a autoridade e sua ligação com os deuses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As imagens e os signos presentes na escrita mixteca estão intimamente relacionados ao pensamento mesoamericano, sendo possível alcançar relativa compreensão e entendimento, levando-se em conta a relação palavra e imagem e o conjunto de regras da escrita mixteca. As diversas formas da relação entre esses elementos permitem a variação no significado de um mesmo signo.

No Códice Zouche-Nuttall, o elemento central são os personagens representados por figuras humanas. Os objetos e lugares não são simples adereços secundários que compõem a cena, mas elementos essenciais para o entendimento da narrativa, sendo impossível ignorá-los. A figura feminina, no manuscrito, ao contrário do que se poderia esperar, ocupa papel relevante. No Códice, as imagens apresentam variados elementos como posição, cor, tamanho, que possibilitam a leitura de complicadas mensagens para a compreensão das informações registradas. Não só a figura humana, mas também os topônimos e a cosmogonia dos mixtecos são categorias importantes no documento, pois expressam valores, relações sociais e de poder, assim como crenças religiosas e cosmogônicas.

Neste estudo mostrou-se a importância que a produção escrita adquiriu na sociedade mixteca, sendo ao mesmo tempo reflexo e elemento essencial da evolução da sociedade.

É inegável a contribuição desse povo para o aperfeiçoamento da linguagem escrita e das formas de comunicação entre os seres humanos. Demonstra a consciência e tentativa de preservação da história e da memória desse povo e, a partir disso, pode-se refletir a respeito do poder da imagem, do visual no dia a dia e o seu impacto sobre o ser humano, bem como de suas diversas funções e os processos de renovação desses signos e sua adaptação ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JANSEN, M.; GARCIA, L.R.; FERDINAND, A. **Crônica mixteca**: Libro explicativo del lhamado Códice Zouche-Nuttall. México: Fondo de Cultura Económico, 1992.

JANSEN, Maarten; JIMENEZ, Gabina Aurora Pérez. Dos princesas

mixtecas en Monte Albán. **Arqueología Mexicana**. México: Editorial Raíces, jan -feb, 1998. p. 28-33.

JOHANSSON, K. Patrick. La Relación Palabra/Imagen en los Códices Nahuas. **Arqueología mexicana**. México: Editorial Raíces, 2004, p. 44-49.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. Estratigrafía Toponímica. Lengua y Escritura. **Arqueología Mexicana**. México: Editorial Raíces, nov - dez, 2004 a, p. 26-31.

LEÓN-PORTILLA, Ascensión Hernández de. Lenguas y Escrituras Mesoamericanas. **Arqueología mexicana**. México: Editorial Raíces, nov - dez, 2004 b, p. 20-25.

LOZANO, Ana Maria L. Velasco; NAGAO, Debra. Mitología y Simbolismo de las Flores. **Arqueología Mexicana**. México: Editorial Raíces, mar-abr, 2006. p. 28-35.

MENESES, Ulpiano P. Bezerra. Fontes Visuais, Cultura Visual, História Visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**. v. 23, n.45, 2003, p. 11-31.

ROSSELL, Cecilia. Escritura Mixteca. **Arqueologia mexicana**. México: Editorial Raíces, mar - abr, 2001, p. 64-69.

SANTOS, Eduardo N. dos. **Deuses do México Indígena**. São Paulo: Palas Athena, 2002.

DOCUMENTOS EM MEIO ELETRÔNICO

CÓDICE ZOUCHE-NUTTALL. Disponível em: www.famsi.org/spanish/research/graz/zouche_nuttall. Acesso em: 20 jun. 2007